

Participação alienante, distância emancipatória. Novas textualidades, hermenêutica e ambivalência

Ícaro Ferraz Vidal Junior

[Recibido, xullo 2011; aceptado, outubro 2011]

RESUMO Apresenta um percurso teórico por vários modos de relação entre as noções de distanciamento e pertencimento nos procedimentos interpretativos. O percurso aborda a expansão da metodologia de análise semiótica cara às distintas culturas pela antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1973), segue pela revisão da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer (1975) por Paul Ricoeur (1981), pela estética-política de Jacques Rancière (2000) e remata na formulação do conceito de remediação com a referência ao trabalho dos teóricos da mídia americanos Jay David Bolter e Richard Grusin (2000). Finalmente, este universo conceitual se encontra na análise da vídeo instalação *Immersion* (2009) do artista e realizador alemão Harun Farocki.

PALABRAS CHAVE: distanciamento, hermenêutica, novas textualidades, participação, remediação.

ABSTRACT This article presents a theoretical approach to different modes of relationship between the notions of distancing and proximity in the interpretative procedures. This path starts with the expansion of the methodology of semiotic analysis toward different cultures by Clifford Geertz' interpretative anthropology (1973), passes by the reappraisal of Hans-Georg Gadamer's hermeneutics (1975) by Paul Ricoeur (1981) and by the political-aesthetics of Jacques Rancière (2000), ending in the formulation of the concept of remediation by the American media theorists Jay David Bolter and Richard Grusin (2000). Finally, illustrating, and at the same time advancing our argument about the analytical potential of the pair distancing/participation for a hermeneutics of the new textualities, we undertook an analysis of *Immersion* (2009), a video installation by Harun Farocki.

KEYWORDS: Distance, Hermeneutics, New Textualities, Participation, Remediation.

Introdução

De acordo com Paul Ricoeur (1981), a oposição entre distanciamento alienante e pertencimento está no cerne da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. O filósofo francês destaca que o título do trabalho de Gadamer,

Truth and Method (1975), atesta esta mútua incompatibilidade, e interpreta a relação entre distanciamento e pertencimento nesta obra nos termos de uma antinomia, pois a noção de distanciamento opera ali em duas direções: se permite uma objetivação que é fundamental para a consolidação das ciências humanas; tal distância também enfraquece o sentido de pertencimento e participação na realidade histórica. Assim, *Truth and Method* resume as inconciliáveis escolhas oferecidas por Gadamer: manter a distância, como um procedimento metodológico, para produzir ciência; ou eliminar esta distância, abrindo mão da objetividade que conferiu o *status* de ciência às humanidades.

O caminho através do qual Ricoeur ultrapassa essa antinomia está fundado sobre uma nova aproximação à noção de texto. Através de seu conceito de texto, a idéia de distanciamento pode ser reconsiderada positiva, ou mesmo produtivamente. Sobre isto, Ricoeur escreveu:

In my view, the text is much more than a particular case of intersubjective communication: it is the paradigm of distanciation in communication. As such, it displays a fundamental characteristic of the very historicity of human experience, namely that it is communication in and through distance¹ (Ricoeur, 1981: 131).

150

Se o sistema desenvolvido por Ricoeur parece ser uma poderosa e eficiente reaproximação à concepção de Gadamer da distância como necessariamente alienante, sua restrição aos textos escritos está no cerne de nosso artigo. Obviamente, o corpus restrito à escritura de Ricoeur não constitui um problema teórico e não basearemos nosso argumento em elementos exteriores ao campo de problematização do filósofo. Nosso objetivo é, antes, explorar os pontos mais ricos da atualização da hermenêutica por Ricoeur, a fim de analisar novas textualidades que se caracterizam pela reivindicação da noção de participação, mais do que da de distanciamento, como elemento definidor.

Além disso, as relações entre participação e distanciamento, para além da problemática hermenêutica, constituem um território privilegiado para o escrutínio das inflexões contemporâneas nos vínculos entre estética e política.

¹ Na minha visão, o texto é muito mais que um caso particular de comunicação intersubjetiva: é o paradigma de *distanciamento* em comunicação. Como tal, ele exhibe uma característica fundamental da própria historicidade da experiência humana, nomeadamente que ela é comunicação na e através da distância.

Crucial na nossa tentativa de expandir tal questão em direção a um campo estético/político mais amplo é a ampliação do escopo abarcado pela noção de texto. Vários desenvolvimentos epistemológicos no campo das humanidades indicam esta ampliação, do uso de teoria da literatura pela antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1973) à aproximação semiótica às imagens por Roland Barthes (1984), passando pela abolição de hierarquias morais entre os diferentes textos pelo estruturalismo.

Neste artigo não pretendemos apresentar um inventário dos dispositivos conceituais que preservam a distância textual suposta na expressão escrita como um elemento de análise, mesmo se o aspecto distante da textualidade escrita não se aplica à totalidade nas novas expressões culturais analisadas. Estamos mais interessados em compreender quais são os limites do conceito de texto de Ricoeur quando a noção de participação se torna um imperativo, do jornalismo participativo em *tempo real* aos jogos de realidade simulada. Igualmente importante em nossa argumentação é o colapso das categorias de distanciamento e participação como uma oposição lógica e a consequente instalação do leitor/espectador em um lugar ambivalente, nem próximo, nem distante, que talvez seja um dos modos mais eficientes de produção de textos politicamente emancipatórios.

Na sequência de nossas análises, interessou-nos evocar o conceito de *remediação*, forjado por Jay David Bolter e Richard Grusin (2000). Tal conceito opera segundo uma dupla lógica, que envolve diferentes horizontes de expectativa com relação às mídias: um desejo de transparência e apagamento da mediação entre objeto representado e sujeito da percepção, traduzindo em termos hermenêuticos uma vontade de pertencimento imediato, que recebeu o nome no sistema de Bolter e Grusin de imediação; por outro lado, um desejo de hipermediação, ou seja, uma vontade de interação com a mídia-enquanto-tal, uma relação opaca com o mundo representado, em termos hermenêuticos, um acento no caráter distante do texto. Com a referência ao trabalho dos teóricos da mídia americanos, esperamos indicar o talvez último desenvolvimento teórico acerca do par proximidade e distanciamento.

O presente artigo está estruturado em quatro seções: primeiramente, é importante lembrar o que permitiu a certos pensadores, emblemáticos pelo antropólogo Geertz (1973), abordarem textos não-escritos utilizando conceitos originalmente forjados para a análise literária; na segunda seção, as

noções de distanciamento e pertencimento são exploradas de modo a indicar como tais noções excedem a hermenêutica e se tornam centrais no mapeamento das relações entre estética e política empreendido por Jacques Rancière; a terceira seção é dedicada a uma leitura das teses de Jay D. Bolter e Richard Grusin à luz da problemática que viemos traçando até aqui, uma vez que também o conceito de *remediação* parece abalar decisivamente o dualismo entre distância alienante e participação vital; e finalmente, este universo conceitual se encontra na análise da vídeo instalação *Immersion* (2009) do artista e realizador alemão Harun Farocki, através da qual o espectador, nem próximo, nem distante, é colocado em um lugar ambivalente.

A expansão da textualidade

Em *The Interpretation of Cultures* (1973), o antropólogo Clifford Geertz propôs um método inovador de investigação antropológica. Ele postulou a compreensão da cultura como um conjunto de símbolos cujo significado deveria ser interpretado pelo antropólogo. A antropologia interpretativa de Geertz está teoricamente baseada em vários campos das Ciências Humanas, dentre os quais têm destaque a Teoria literária e a Psicanálise. Diferentemente das primeiras abordagens antropológicas, caracterizadas por um ideal de objetividade científica e comprometidas com os projetos colonialistas do século XIX, a antropologia interpretativa de Geertz incorpora os múltiplos significados das práticas sociais, como ele explicita:

The concept of culture I espouse (...) is essentially a semiotic one. Believing, with Max Weber, that man is an animal suspended in webs of significance he himself has spun, I take culture to be those webs, and the analysis of it to be therefore not an experimental science in search of law but an interpretative one in search of meaning² (Geertz, 1973: 5).

A idéia de Geertz, entretanto, mantém a distância como um importante aspecto do texto cuja análise ele propõe: a cultura. O antropólogo deve tentar entender uma cultura desde o ponto de vista dos nativos, mas sem pertencer à cultura analisada. Ao mesmo tempo, para produzir uma “descrição densa”

² O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal suspenso em redes de significado que ele mesmo teceu, eu assumo a cultura como sendo essas redes, e sua análise sendo, portanto, não uma ciência experimental em busca de lei mas uma ciência interpretativa em busca de sentido.

(Geertz, 1973) o antropólogo deve, na medida do possível, reduzir o intervalo que o separa do grupo cultural estudado. Os sentidos das diferentes práticas culturais são mais profundamente escrutinados em função do grau de imersão do pesquisador em determinado contexto. Mas a distância deve ser preservada em um certo nível para permitir que o antropólogo mantenha uma compreensão da cultura enquanto texto. Geertz oferece-nos uma eloquente explicação acerca do tipo de aproximação esperada entre antropólogos e *nativos*.

We are not looking, at least I am not, seeking either to become natives (a compromised word in any case) or to mimic them. Only romantics or spies would seem to find point in that. We are seeking, in the widened sense of the term in which it encompasses very much more than talk, to converse with them, a matter a great deal more difficult, and only not with strangers, than is commonly recognized. “If speaking for someone seems to be a mysterious process”, Stanley Cavell has remarked, “that may be because speaking to someone does not seem mysterious enough”³ (Geertz, 1973: 13).

Nesta citação, podemos perceber como as idéias de distância e participação operam na antropologia de Geertz. Assumir um lugar nesta “conversa”, participar no texto analisado, é uma importante parte do processo interpretativo. Distância, por outro lado, configura a natureza da conversação. Qualquer interpretação cultural é caracterizada pela manutenção desta distância intransponível entre o texto e seu leitor. O objetivo da antropologia, derivado desta perspectiva é, de acordo com Geertz (1973:14), “The enlargement of the universe of human discourse” [a ampliação do universo do discurso humano]. Isto significa que a própria análise tem lugar em um contexto discursivo e que a abordagem semiótica definitivamente excede as fronteiras das textualidades escritas.

Mas se *The Interpretation of Cultures* (1973) oferece um novo método, tal método não pode ser entendido no mesmo sentido do *método* que intitula o livro de Gadamer e cujas implicações foram sagazmente mapeadas por Ricoeur. O método proposto por Geertz não pleiteia o estatuto de ciência, na

³ Não estamos à procura, pelo menos eu não estou, seja de nos tornarmos nativos (uma palavra comprometida em qualquer caso) ou de os imitar. Apenas românticos ou espíões pareceriam encontrar um ponto nisso. Estamos procurando, no sentido alargado do termo em que se engloba muito mais do que falar, conversar com eles, uma questão muito mais difícil, e não apenas com estranhos, como é comumente reconhecido. ‘Se falar por alguém parece ser um processo misterioso’, Stanley Cavell observou, ‘que talvez seja porque falar para alguém não parece suficientemente misterioso’.

concepção iluminista do termo. Entranto, isso não significa que o primeiro termo do dualismo de Gadamer, a *verdade*, possa ser alcançada de modo dogmático e não-problemático no interior do sistema de Geertz.

Na próxima seção, o problema do distanciamento e da participação serão explorados considerando o que chamamos *textualidades expandidas*. O que mostramos até aqui foi um dos movimentos em direção ao privilégio dos procedimentos hermenêuticos para alcançar uma análise social fora do território positivista das verdades dogmáticas. É importante ainda ressaltar o amplo escopo da teoria de Geertz como o pano-de-fundo da abordagem estética que abordaremos na seguinte parte deste artigo.

Distanciamento e participação

Há, pelo menos, duas maneiras de conceber a expansão da idéia de texto: uma delas já foi explorada no ponto 1 e consiste em uma abordagem semiótica da realidade; a outra, historicamente fundada, está vinculada às diferentes *noéticas* que emergem em virtude da predominância de determinado modo de expressão no tecido social (por exemplo, oralidade, escrita, imagem). Um aspecto central no desenvolvimento histórico desses diferentes tipos de textualidade são as variáveis relações entre distanciamento e participação. De acordo com Paul Ricoeur, a relação entre estes termos é de mútua incompatibilidade na hermenêutica de Gadamer devido a uma *untenable alternative* (Ricoeur, 1981: 131) citada abaixo.

On the one hand, alienating distantiation is the attitude that renders possible the objectification which reigns in the human sciences; but on the other hand, this distantiation, which is the condition of the scientific status of the sciences, is at the same time the fall that destroys the fundamental and primordial relation whereby we belong to and participate in the historical reality which we claim to construct as an object. Whence the alternative underlying the very title of Gadamer's work *Truth and Method*: either we adopt the methodological attitude and lose the ontological density of the reality we study, or we adopt the attitude of truth and must then renounce the objectivity of the human sciences⁴ (Ricoeur, 1981: 131).

⁴ Por um lado, distanciamento alienante é a atitude que torna possível a objetivação que reina nas ciências humanas; mas por outro lado, esse distanciamento, que é a condição do status científico das ciências é, ao mesmo tempo, a queda que destrói a relação fundamental e primordial através

Tentando ultrapassar esta *aporía*, o filósofo francês recoloca o problema, adotando o texto como seu ponto de partida. O texto, de acordo como o autor,

Reintroduces a positive and, if I may say so, productive notion of distancing. In my view, the text is much more than a particular case of intersubjective communication: it is the paradigm of distancing in communication. As such, it displays a fundamental characteristic of the very historicity of human experience, namely that it is communication in and through distance⁵ (Ricoeur, 1981: 131).

Apesar do fato da idéia de Ricoeur de texto ser limitada a textos escritos, sua revisão das relações entre as idéias de distanciamento alienante e pertencimento participativo parecem úteis por conta da positivização da distância, através da qual (e na qual) práticas discursivas e comunicacionais têm lugar. Assim, o filósofo francês introduz outra idéia, central no processo de emancipação do leitor: a idéia de apropriação. De acordo com Ricoeur,

Distancing is not abolished by appropriation, but is rather the counterpart of it. Thanks to distancing by writing, appropriation no longer has any trace of affective affinity with the intention of an author. Appropriation is quite the contrary of contemporaneity and congeniality: it is understanding at and through distance⁶ (Ricoeur, 1981: 143).

O filósofo francês Jacques Rancière também pensou, embora diferentemente, acerca da dialética entre distanciamento e participação, principalmente em seu livro *The Emancipated Spectator* (2009). Rancière inicia seu livro revendo a idéia geralmente aceita de que ser espectador implica uma passivi-

da qual nós pertencemos e participamos da realidade histórica que reivindicamos construir como um objeto. Donde, a alternativa sublinhada no próprio título do trabalho de Gadamer *Verdade e Método*: ou adotamos a atitude metodológica e perdemos a densidade ontológica da realidade que estudamos, ou adotamos a atitude de verdade e devemos então renunciar à objetividade das ciências humanas.

⁵ Reintroduz uma positiva e, se assim posso dizer, produtiva noção de distanciamento. Na minha visão, o texto é muito mais do que um caso particular de comunicação intersubjetiva: é o paradigma de distanciamento na comunicação. Como tal, exibe uma característica fundamental da própria historicidade da experiência humana, nomeadamente que ela é comunicação na e através da distância.

⁶ Distanciamento não é abolido pela apropriação, mas é antes a contraparte disso. Graças ao distanciamento pela escrita, a apropriação não tem mais qualquer traço de afinidade afetiva com a intenção de um autor. Apropriação é totalmente o contrário de contemporaneidade e congenialidade: é entendimento na e através da distância.

dade, uma vez que o espectador não é agente, nem ator. Esta idéia também está presente na consideração de Gadamer acerca do método como alguma coisa que mantém o interpretante distante da verdade da realidade histórica, como destacou Ricoeur.

Rancière contraria esta idéia apresentando alguns experimentos do teatro moderno que tentaram revestir esta passividade dos espectadores, nomeadamente os teatros de Bertolt Brecht e Antonin Artaud. Ambos experimentos foram caracterizados por uma tentativa de mudar o papel desempenhado pelos espectadores no teatro tradicional, mas cada um deles funcionava de uma maneira diferente. O teatro de Artaud tentava remover a passividade do espectador, inserindo o público no cerne da produção através da abolição do espaço que tradicionalmente separa espectador e ator. O teatro de Brecht também tentava abolir o lugar tradicionalmente conferido ao espectador, mas não introduzindo uma “participação vital” como procedimento estético, como pode ser visto em Artaud, mas transformando o espectador em um tipo de “scientific investigator or experimenter, who observes phenomena and searches for their causes” (Rancière, 2009: 3-5).

156

Esses dois experimentos demonstram a persistência da tensão entre distanciamento e pertencimento, nas palavras de Ricoeur, ou entre distanciamento e participação, como postulou Rancière. Apesar desta problemática ter sido trabalhada por esses dois importantes pensadores contemporâneos, há importantes diferenças em seus desenvolvimentos desta *aporia*. Se o trabalho de Ricoeur é limitado aos aspectos epistemológicos desencadeados pela Hermenêutica de Gadamer, *The Emancipated Spectator*, de Jacques Rancière, é uma tentativa de explorar as relações entre estética e política de uma maneira que ultrapassa as noções tradicionais de arte política ou engajada. Desenvolvendo algumas idéias já apresentadas em seu livro *Le partage du sensible: Esthétique et Politique* (2000), Rancière escreveu:

These oppositions –viewing/knowing, appearance/reality, activity/passivity– are quite different from logical oppositions between clearly defined terms. They specifically define a distribution of the sensible, an *a priori* distribution of the positions and capacities and incapacities attached to these positions⁷ (Rancière, 2009: 12).

⁷ Essas oposições –ver/conhecer, aparência/realidade, atividade/passividade– são completamente diferentes das oposições lógicas entre termos claramente definidos. Elas definem especificamente uma distribuição do sensível, uma distribuição *a priori* das posições e capacidade e incapacidades ligada a essas posições.

Para colapsar a percepção das relações entre passividade e participação, ou entre distanciamento e pertencimento em termos lógicos, Rancière introduziu uma dimensão relacional em sua filosofia e propôs a noção de “emancipação” no lugar da noção de participação, encontrada em outros pensadores contemporâneos tal como Henry Jenkins (2006). Emancipação, de acordo com Rancière,

Begins when we challenge the opposition between viewing and acting; when we understand that the self-evident facts that structure the relations between saying, seeing and doing themselves belong to the structure of domination and subjection. It begins when we understand that viewing is also an action that confirms or transforms this distribution of positions. The spectator also acts, like the pupil or scholar. She observes, selects, compares, interprets. She links what she sees to a host of other things that she has seen on other stages, in other kinds of place. She composes her own poem with the elements of the poem before her. She participates in the performance by refashioning it in her own way – by drawing back, for example, from the vital energy that it is supposed to transmit in order to make it a pure image and associate this image with a story which she has read or dreamt, experienced ou invented. They are thus both distant spectators and active interpreters of the spectacle offered to them⁸ (Rancière, 2009: 13).

157

Instalando o espectador neste lugar ambivalente, caracterizado pela distância e atividade, espectadorialidade e interpretação, Rancière parece ter encontrado uma boa alternativa para a *aporia* hermenêutica proposta por Ricoeur. Além disso, esta perspectiva que considera o engajamento sensorial do espectador talvez nos ajude a preencher as lacunas entre as diferentes noéticas, emergentes quando das mutações nas mediações tecnológicas dos sujeitos com o mundo. Após esta breve introdução teórica acerca do estatuto do distanciamento e da participação na antropologia interpretativa de Geertz, na hermenêutica de Ricoeur e na filosofia estética/política de Rancière-

⁸ Começa quando desafiamos a oposição entre ver e agir; quando entendemos que os fatos auto-evidentes que estruturam as relações entre dizer, ver e fazer pertencem, eles próprios, a uma estrutura de dominação e sujeição. Começa quando entendemos que ver é também uma ação, que confirma ou transforma esta distribuição de posições. O espectador também atua, como o pupilo ou o aluno. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Ele liga o que ele vê a uma série de outras coisas que ele viu em outros palcos, em outros tipos de lugar. Ele compõe seu próprio poema com os elementos do poema diante dele. Ele participa na performance remodelando-a ao seu modo –hesitando, por exemplo, diante da energia vital que se supõe transmitir para fazer dela uma imagem pura e associar esta imagem com uma estória que ele tenha lido ou sonhado, vivido ou inventado. Eles são, assim, espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo oferecido.

re, cumpre explorar o desenvolvimento desta questão à luz dos novos media, procedimento consignado em *Remediation: Understanding New Media* (2000), de Jay David Bolter e Richard Grusin.

Remediação ou a questão hermenêutica recolocada pelas novas textualidades

O conceito de remediação, forjado por Bolter e Grusin (2000), funciona em uma dupla lógica e é entendido na relação com dois outros conceitos, conforme já aludimos brevemente: os de imediação e de hipermediação. Evo-
camos tais conceitos porque eles também parecem estabelecer uma relação dinâmica e não ontológica entre as noções de distância e proximidade, que são o cerne de nosso artigo. O livro dos teóricos americanos tem início com uma análise do filme de Kathryn Bigelow, *Strange Days* (1985), uma ficção científica que tematiza um dispositivo chamado “the wire” que, quando colocado sobre a cabeça do usuário aciona determinados centros perceptivos, possibilitando uma experiência em *playback*, registrada previamente diretamente a partir de uma situação vivida por outrem. Neste sentido, “the wire” opera oferecendo ao seu usuário um pedaço imediato da vida de alguém, sendo regido segundo a lógica da imediação, o que significa que os meios de registro e transmissão da experiência são invisíveis e o acesso ao objeto da representação se dá de modo *transparente*.

158

Sagazmente, a dupla de teóricos americanos observa que, se “the wire” aponta para uma espécie de utopia da imediação tecnológica, o filme *Strange Days* é limitado por sua própria natureza a apresentar a experiência “the wire” através de uma câmera subjetiva, modo de visualização forjado na lógica da “velha mídia” filme. Entretanto, longe de deslegitimar o conceito de *imediação*, o filme de Bigelow indica o dinamismo que caracteriza as relações entre as duas lógicas da remediação. A dupla de autores, inspirada pelo método genealógico foucaultiano, ressalva ainda que tais lógicas configuraram-se a partir de práticas específicas em momentos históricos precisos, não tendo a pretensão de fazer de tais conceitos verdades estéticas universais.

A palavra *remediação* é usada por indicar os modos através dos quais uma mídia, na visão de nossa cultura, reforma e aprimora outra mídia. Esta

perspectiva é especialmente pregnante no processo de digitalização, que incorpora *todas* as mídias anteriores ao universo digital. Os entusiastas deste processo entendem a conversão das mídias analógicas em digitais como um avanço

They tell us, for example, that when broadcast television becomes interactive digital television, it will motivate and liberate viewers as never before; that electronic mail is more convenient and reliable than physical mail; that hypertext brings interactivity to the novel; and that virtual reality is more “natural” environment for computing than a conventional video screen⁹ (Bolter e Grusin, 2000: 59).

A retórica do aprimoramento (remediação) é tão difundida sócio-culturalmente que a legitimidade de um novo meio é sempre conquistada a partir da comparação com os meios precedentes, e ancorada nas lacunas que viria a preencher. Mas remediação também pode significar reforma no sentido político e social e, neste caso, Bolter e Grusin (2000) enfatizam que novamente as mídias digitais acentuam este dado, e o exemplo mais evidente disto consiste nas implicações da internet no terreno da democracia. A internet oferece imediação nas tomadas de decisão, de modo que a mídia digital e a “digital democracy” prometem ultrapassar o sistema democrático da representação. A última, e talvez mais radical, acepção da *remediação* como reforma proposta em *Remediation* consiste em que remediação é reforma da própria realidade, e os autores enfatizam

159

It is not that media merely reform the appearance of reality. Media hybrids (the affiliations of technical artifacts, rhetorical justifications, and social relationships) are as real as the objects of science. Media make reality over in the same way that all Western technologies have sought to reform reality. Thus, virtual reality reforms reality by giving us an alternative visual world and insisting on that world as the locus of presence and meaning for us. Recent proposals for “ubiquitous” or “distributed” computing would do just the opposite, but in the service of the same desire for reform. Instead of putting ourselves in the computer’s graphic world, the strategy of ubiquitous computing is

⁹ Eles nos dizem, por exemplo, que quando a televisão *broadcast* se tornar televisão digital interativa, isso vai motivar e liberar os espectadores como nunca antes; que o correio eletrônico é mais conveniente e confiável que o correio físico; que o hipertexto traz interatividade para a novela; e que a realidade virtual é um ambiente mais “natural” para computação que uma tela de vídeo convencional.

to scatter computers and computational devices throughout our world –to “augment reality” with digital artifacts and so create a “distributed cyberspace”¹⁰ (Bolter e Grusin, 2000: 61).

Este último sentido da remediação é especialmente oportuno para nosso argumento, no sentido de que o meio e, neste sentido, o intervalo entre o objeto da representação e o sujeito da percepção não funciona no interior do sistema de comunicação como um neutro mediador, mas opera alterando o mundo anterior ao meio e configurando novos mundos. Nosso próximo tópico é dedicado à leitura de uma vídeo-instalação baseada em tecnologias de realidade virtual e a compreensão da lógica da remediação é fundamental em nossa análise.

O lugar ambivalente (e irremediável) do espectador emancipado

O trabalho de Harun Farocki, *Immersion* (2009), consiste em um bom exemplo do lugar ambivalente conferido ao espectador quando o dualismo entre distanciamento e pertencimento é colapsado. *Immersion* tematiza o uso terapêutico de realidade virtual. Durante dois dias em janeiro de 2009, Farocki filmou um workshop com terapeutas civis e militares na base de Fort Lewis, perto de Seattle, Washington. Este workshop pretendia explicar a estes terapeutas como usar o vídeo game *Virtual Iraq*. Este game consiste em uma adaptação do game pre-existente comercialmente *Full Spectrum Warrior*, cujo cenário, de acordo com cientistas, é muito similar ao do ambiente do Iraque. Usando tecnologia imersiva em 3D, a versão terapêutica do game permite que o paciente-soldado, utilizando um *headset*, dirija um tanque ou ande através da cidade. Neste momento, o terapeuta intervém para reduzir, inicialmente, o número de pessoas nas ruas. Conforme o soldado se habitua

¹⁰ Não é que a mídia reforme meramente a aparência de realidade. Híbridos de mídia (as afiliações de artefatos técnicos, justificações retóricas, e relações sociais) são tão reais como os objetos de ciência. Mídia faz realidade da mesma forma que todas as tecnologias ocidentais têm procurado reformar a realidade. Assim, a realidade virtual reforma a realidade nos dando um mundo visual alternativo e insistindo naquele mundo como *locus* de presença e sentido para nós. Propostas recentes para computação “ubíqua” ou “distribuída” fariam justamente o contrário, mas à serviço do mesmo desejo por reforma. Em vez de colocar a nós mesmos no mundo gráfico dos computadores, a estratégia da computação ubíqua é dispersar computadores e dispositivos computacionais por todo nosso mundo –para “aumentar a realidade” com artefatos digitais e então criar um “ciberespaço distribuído”.

a revivência dessas experiências, o terapeuta gradualmente adiciona mais elementos como o som de disparos e bombas. A simulação inclui o cheiro de diesel, pólvora, lixo ou mesmo tremores de terra devidos às explosões.

Em um curto e quase etnográfico texto sobre a filmagem de *Immersion*, Farocki apresenta o seguinte contexto:

The civilian therapists first gave rather half-hearted talks with image examples. Afterwards role-playing. The therapist sits at a computer, wearing a headset. The patient sits or stands next to him, wearing data-specs. These show the Virtual Iraq imagery. There are two locations: one is a desert road, which is driven through by a Humvee. The other is a city with a market place, a mosque, large squares, narrow alleyways and houses you can walk through. The patient chooses his path, the therapist selects incidents. The therapist can lead the patient into virtual ambushes or make him witness terrible assassinations. He can choose between accompanying sound of helicopters, muezzins and explosions of all kinds.

During the role-plays everybody was cooperative. You might think that a patient would say that these two scenarios with only a few choices would have nothing to do with the cause of his trauma. But it became apparent that the role-plays which were attended by military therapists alone, lacked a certain degree of fantasy and tension –so we could only use very short sequences from them. Most of the military chewed gum as if they were just ordinary soldiers¹¹ (Farocki, 2009: 240).

Este contexto, no entanto, não é mantido, até o fim do workshop. A vídeo instalação de Farocki é, na maior parte do tempo, dedicada ao caso cuja descrição do realizador transcrevemos abaixo:

¹¹ Os terapeutas civis primeiro deram falas tímidas com exemplos de imagens. Depois, encenação. O terapeuta senta em um computador, usando um *headset*. O paciente senta ou fica de pé próximo a ele, usando *data-specs*. Estes mostram as imagens de Virtual Iraq. Existem duas locações: uma é uma estrada no deserto, que é percorrida por um Humvee. A outra é uma cidade, com um mercado, uma mesquita, praças grandes, becos estreitos e casas, pela qual você pode andar. O paciente escolhe o seu caminho, o terapeuta seleciona incidentes. O terapeuta pode levar o paciente a emboscadas virtuais ou fazê-lo testemunhar assassinatos terríveis. Ele pode escolher sons de acompanhamento entre helicópteros, *muezzins* e explosões de todos os tipos.

Durante as encenações todo mundo foi cooperativo. Você pode pensar que um paciente diria que estes dois cenários com apenas umas poucas escolhas não teria nada a ver com a causa de seu trauma. Mas tornou-se aparente que às encenações que foram desempenhadas apenas por terapeutas militares faltou um certo grau de fantasia e tensão –então apenas pudemos usar sequências muito curtas delas. A maioria dos militares mascavam chiclete como se eles fossem apenas soldados ordinários.

Then something really extraordinary happened. One of the civilian therapists who was playing a patient described a patrol walk through Baghdad. It was his first mission and he had been assigned to a certain Jones. They had been ordered to clean the streets, which basically meant pulling down propaganda posters. Jones suggested separating and that each of them should see to one side of the street. This was against orders, but they did it. When he went into a courtyard, he heard an explosion. He ran over –at this point the patient faltered and began to ramble. The therapist playing interrupted him: what had he seen? Soldier: “When I went around the corner, I heard this explosion. I thought to myself: Shit! No! I immediately turned around to look for Jones, but I couldn’t see him anywhere. Damn! I immediately ran to the other side... I can’t see him anymore... I ran over to see what had happened. There was smoke everywhere...”.

Therapist: “You’re doing great! What did you see there?”.

Soldier: “When I arrived, I saw... that there was nothing left above his knee”. At this point he broke down. In the following session he repeatedly asked to stop, insisting that he couldn’t bear it anymore. The therapist insisted on continuing. He hesitated, stuttered and got caught up several times in self-reproach and attempts to explain what he was thinking back then. His acting was so convincing that friends of mine, to whom I had explained our film (*Immersion*, 2009) nevertheless believed that they were watching someone recounting a real experience. The press officer who had given us permission to shoot also thought that it was real¹² (Farocki, 2009: 240-241).

¹² Então alguma coisa realmente extraordinária aconteceu. Um dos terapeutas civis que estava jogando com um paciente descreveu uma ronda a pé por Bagdá. Era sua primeira missão e ele tinha sido atribuído a um certo Jones. Eles tinha sido ordenados a limpar as ruas, o que basicamente significava remover posters de propaganda. Jones sugeriu a separação e que cada um deles cuidasse de um lado da rua. Isto era contra as ordens, mas eles fizeram isso. Quando ele entrou em um pátio, escutou uma explosão. Ele passou por cima –neste ponto o paciente vacila e começa a divagar. O terapeuta o interrompeu: O que ele viu?

Soldado: “Quando eu cheguei próximo à esquina, eu escutei esta explosão. Eu pensei comigo mesmo: Merda! Não! Eu imediatamente voltei para procurar por Jones, mas eu não pude vê-lo em nenhum lugar. Droga! Eu imediatamente corri para o outro lado... Eu não posso vê-lo mais... Eu passei correndo para ver o que tinha acontecido. Havia fumaça por todo lado...”

Terapeuta: “Você está indo muito bem! O que você viu lá?”

Soldado: “Quando eu cheguei, eu vi... que não havia mais nada acima de seu joelho”.

Neste ponto ele *quebrou*. Na sessão seguinte ele repetidamente pediu para parar, insistindo que ele não podia suportar mais isto. O terapeuta insistiu para continuar. Ele hesitou, gaguejou e foi pego várias vezes em auto-censura e tentativas de explicar o que ele estava pensando na época. Sua atuação foi tão convincente que amigos meus, para os quais eu tinha explicado nosso filme (*Immersion*, 2009), apesar disso acreditaram que eles estavam assistindo a alguém recontando uma experiência real. O oficial de imprensa que nos tinha dado permissão para filmar também pensou que isso era real.

A vídeo instalação de duplo canal de Farocki apresenta a revivência da experiência traumática através da projeção simultânea das imagens do soldado interagindo com a interface e do ambiente simulado, tal como visto pelo soldado. Assim, podemos ver o soldado como terceira pessoa mas simultaneamente nosso ponto de vista coincide com o seu olhar. A potência de *Immersion* parece residir precisamente na brecha aberta por (entre) essas duas telas. A dupla lógica da remediação é desvelada por Farocki quando ele torna visíveis as imagens de aspiração imediata da guerra simulada digitalmente ao mesmo tempo em que coloca em cena o usuário da interface utilizando o aparato da simulação (tecnologicamente ultrapassado se comparado com “the wire”).

Assim, se podemos acessar o soldado/usuário como uma alteridade distante que narra suas dores e, nesta distância, mobilizar alguma empatia; o trauma revivido em primeira pessoa, de modo imediato, através das imagens banalizadas dos jogos eletrônicos de guerra dificilmente despertam em nós novos pensamentos, ações e olhares. É esta assimetria entre a trivialidade de tais imagens e a dor provocada por elas durante o processo terapêutico que nos permite intuir o trauma. E essa intuição talvez tenha um caráter similar ao da curiosidade e da atenção, detectados por Rancière como alternativas ao desgastado afeto da indignação pública.

163

Conclusão

Como Jacques Rancière sagazmente apontou, há algumas categorias que não podem ser percebidas nos termos de uma oposição lógica, como se fossem portadoras de uma substância ontológica. As idéias de distanciamento e participação se adequam a este grupo de categorias. De acordo com Rancière, distância e proximidade são sempre relativas e o resultado de uma distribuição de posições. Neste artigo tentamos rascunhar um pano de fundo epistemológico a partir do qual abordar novas textualidades sem a perda do critério hermenêutico, que observamos na crença pós-moderna na positividade absoluta das culturas participativas ou interativas. Tais perspectivas não devem ser negadas com base na alegação da participação ou do pertencimento como meramente indesejáveis. A realidade é muito mais complexa do que isso.

No movimento em direção a superação da estreita dualidade entre distanciamento e participação, a idéia de emancipação parece desempenhar um

papel central. Seguindo a abordagem de Paul Ricoeur da noção de distanciamento sem o compromisso objetivista sugerido pelo trabalho de Gadamer, é possível entender de um modo mais dinâmico a associação entre os termos-chave deste ensaio. A expansão da abordagem hermenêutica por Geertz em direção à cultura e a posição instável do etnógrafo, algumas vezes um participante imerso e outras um observador distante, ou idealmente um observador participante, reforça o argumento da distância e da proximidade como categorias moventes que devem ser escrutinadas em cada caso, com particular atenção a suas implicações políticas.

Assim como a antropologia interpretativa de Geertz, a filosofia de Rancière também confirma a urgência desta tarefa. Além disso, seus pensamentos oferecem a produtiva idéia de *emancipação*, que ultrapassa a tradicional compreensão de distanciamento e participação e sugere um critério para avaliar os esquemas de distribuição nas diferentes paisagens sensíveis. O espectador emancipado é capaz de assumir uma posição, seja ela próxima ou distante, em qualquer paisagem. Tal paisagem será sempre ocupada de modo inesperado e dissonante. As novas experiências artísticas talvez tenham que produzir em nós um desconforto com relação às posições que estamos acostumados a ocupar. *Immersion*, de Harun Farocki, nos instala simultaneamente em duas posições contraditórias: vemos os soldados desde fora, como sujeitos falantes, e desde dentro, através da representação digital de suas memórias traumáticas. Entretanto, alguma coisa permanece inexplicada entre a distância intransponível e a proximidade invasiva, e talvez esta coisa seja *irremediável*.

Ícaro Ferraz Vidal Junior

Universidade de Santiago de Compostela

Universidad Federal do Rio de Janeiro

Bibliografia

Barthes, Roland. 1984. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bolter, Jay David e Richard Grusin. 2000. *Remediation: Understanding New Media*. Massachusetts: MIT Press.

- Farocki, Harun. 2009. "Written Trailers", in *Harun Farocki: Against What? Against Whom?* (ed. Antje Ehmann e Kodwo Eshun). Londres: Koenig Books and Raven Row, pp. 220-241.
- Gadamer, Hans-Georg. [1930]. (1975). *Truth and Method*. Londres: Sheed & Ward.
- Geertz, Clifford. 1973. *The Interpretation of Cultures*. Nova York: Basic Books.
- Jenkins, Henry. 2006. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. Nova York e Londres: New York University Press.
- Rancière, Jacques. 2000. *La partage du sensible: esthétique et politique*. París: La Fabrique Éditions.
- 2009. *The Emancipated Spectator*. Londres e Nova York: Verso.
- Ricoeur, Paul. 1981. *Hermeneutics & the Human Sciences* (ed. e trad. John B. Thompson). Cambridge, París: Cambridge University Press, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.